

Doação de Órgãos: Conhecimento e Fatores Associados à Recusa Entre Ingressantes do Curso de Medicina e Seus Pais

Silvia Fernandes Ribeiro da Silva^{1*} , Luís Couto Callou Lóssio de Macêdo¹ , Paulo Gondim Gonçalves¹ ,
Júlia Machado Maia¹ , Maria Clara Silva de Oliveira Lousada¹ , Ana Luíza Rangel Montenegro¹ ,
Mariana Meneses de Lima Banhos Pinheiro¹ , Isabella Siqueira Oliveira¹ , Sônia Leite da Silva¹ 

1. Universidade de Fortaleza  – Centro de Ciências da Saúde – Curso de Medicina – Fortaleza (CE) – Brasil.

*Autora correspondente: silviafernandes@unifor.br

Editora de Seção: Ilka de Fátima Santana F. Boin 

Recebido: Maio 19, 2026 | Aprovado: Jul 13, 2026

RESUMO

Objetivos: Avaliar e comparar o conhecimento, as percepções e as atitudes de ingressantes do curso de Medicina e de seus pais sobre a doação de órgãos. **Métodos:** Estudo observacional, transversal e analítico, realizado com 89 estudantes e 70 pais, por meio de questionários eletrônicos (*Google Forms*) aplicados separadamente. Eles abordavam dados sociodemográficos, conhecimento autorreferido da Lei n.º 9.434/1997, compreensão e aceitação da Morte Encefálica (ME), atitudes em relação à doação e ao recebimento de órgãos, bem como fatores associados à recusa da doação. As análises incluíram frequências absolutas e relativas, Intervalos de Confiança de 95% (IC95%) e comparação entre proporções pelo teste do qui-quadrado de Pearson ($p < 0,05$). **Resultados:** A aprovação à doação foi elevada, sendo de 100% entre os estudantes e 95,7% entre os pais ($p = 0,049$). Observou-se importante dissociação entre atitude e prática, com baixa disposição para doação em caso de ME (11,2% vs. 15,7%; $p = 0,416$). A aceitação da ME foi menor entre estudantes (10,1%) do que entre pais (92,9%; $p < 0,001$). A comunicação familiar foi limitada (49,4% vs. 45,7%). A maioria dos estudantes (84,3%) e dos pais (97,1%) acreditava que o outro grupo era favorável à doação. Entre os estudantes, destacaram-se o medo (57,3%) e a desinformação (22,5%); entre os pais, a ausência de reflexão prévia sobre o tema (77,1%). **Conclusão:** Apesar da elevada aceitação, persistem lacunas relevantes no conhecimento, na compreensão e na aceitação da ME, além de baixa comunicação familiar. Estratégias educativas longitudinais e o estímulo ao diálogo entre familiares são fundamentais para reduzir recusas à doação.

Descritores: Morte Encefálica; Educação Médica; Comunicação em Saúde; Transplante de Órgãos.

Organ Donation: Knowledge and Factors Associated With Refusal Among First-Year Medical Students and Their Parents

ABSTRACT

Objectives: To evaluate and compare the knowledge, perceptions, and attitudes of first-year medical students and their parents regarding organ donation. **Methods:** This was an observational, cross-sectional, and analytical study conducted with 89 students and 70 parents using electronic questionnaires (Google Forms), administered separately. The instruments addressed sociodemographic data, self-reported knowledge of Brazilian Law No. 9,434/1997, understanding and acceptance of brain death (BD), attitudes toward organ donation and transplantation, as well as factors associated with refusal to donate. Analyses included absolute and relative frequencies, 95% confidence intervals (95% CI), and comparison between proportions using Pearson's chi-square test ($p < 0.05$). **Results:** Approval of organ donation was high, reaching 100% among students and 95.7% among parents ($p = 0.049$). A significant dissociation between attitude and practice was observed, with low willingness to donate in cases of BD (11.2% vs. 15.7%; $p = 0.416$). Acceptance of BD was lower among students (10.1%) than among parents (92.9%; $p < 0.001$). Family communication was limited (49.4% vs. 45.7%). Most students (84.3%) and parents (97.1%) believed that the other group was favorable toward donation. Among students, the main factors were fear (57.3%) and lack of information (22.5%), whereas among parents, the primary factor was lack of prior reflection on the topic (77.1%). **Conclusion:** Despite the high level of acceptance, relevant gaps remain in knowledge, particularly in the understanding and acceptance of BD, in addition to limited family communication. Longitudinal educational strategies and the promotion of family dialogue are essential to reduce refusal rates for organ donation.

Descriptors: Brain Death; Education, Medical; Health Communication; Organ Transplantation.

INTRODUÇÃO

A doação de órgãos é um processo complexo que envolve aspectos legais, éticos, técnicos e socioculturais. No Brasil, o transplante é regulamentado pela Lei n.º 9.434/1997, segundo a qual a efetivação da doação pós-morte depende da autorização familiar, mesmo quando o potencial doador tenha manifestado, em vida, sua vontade favorável¹. Embora o país ocupe posição de destaque mundial em número absoluto de transplantes realizados, persiste um descompasso entre a oferta e a demanda de órgãos, sendo a recusa familiar um dos principais entraves à efetividade do sistema². No cenário internacional, a escassez de órgãos também permanece como um dos principais limitadores do transplante³, reforçando a relevância de estudos sobre fatores que influenciam a decisão de doar⁴.

A formação médica desempenha papel fundamental na redução da recusa familiar, tanto por meio do domínio técnico quanto pelo desenvolvimento de habilidades comunicacionais e pela adequada compreensão da morte encefálica, frequentemente associada a inseguranças tanto entre profissionais quanto na população em geral. Estudos demonstram que o conhecimento sobre doação de órgãos e morte encefálica permanece insuficiente, mesmo entre estudantes da área da saúde⁴⁻⁶. Embora maior exposição ao tema tenda a se associar a atitudes mais favoráveis^{7,8}, persistem lacunas relevantes, sobretudo em relação à compreensão da morte encefálica, ao conhecimento da legislação e à confiança no processo de doação⁹⁻¹².

Além dos aspectos cognitivos, fatores emocionais, culturais e relacionais, como medo, desinformação e desconfiança no sistema, exercem influência significativa sobre a decisão de doar¹³. A dificuldade de abordar o tema no ambiente familiar também se destaca como um fator relevante. A comunicação familiar aberta é reconhecida como medida essencial para reduzir recusas¹⁴, enquanto a formação acadêmica em saúde representa uma oportunidade importante para promover conhecimento e influenciar decisões individuais e familiares¹⁵.

Diante disso, torna-se relevante investigar o conhecimento, as atitudes e as percepções de estudantes ingressantes do curso de Medicina e de seus pais em relação à doação de órgãos, considerando que, na legislação brasileira, a decisão final recai sobre a família¹. Nesse contexto, a avaliação de estudantes ingressantes permite caracterizar o conhecimento e as percepções prévias à formação médica formal, enquanto a inclusão de seus pais possibilita explorar a influência do contexto familiar e sociocultural sobre o conhecimento, as atitudes e as percepções relacionadas à doação de órgãos, bem como o papel decisório da família no processo de autorização da doação no Brasil.

Assim, o objetivo deste estudo foi analisar e comparar o conhecimento, as atitudes e as percepções de estudantes ingressantes do curso de Medicina e de seus pais sobre a doação de órgãos, incluindo aspectos legais, a compreensão e a aceitação da morte encefálica, a disposição para doar e receber órgãos, bem como os principais fatores associados à recusa da doação.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo observacional, transversal e analítico, realizado com estudantes ingressantes do curso de Medicina de uma instituição privada de ensino superior de Fortaleza, nordeste do Brasil, e seus pais.

Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu na 1ª semana do 2º semestre de 2025, por meio da aplicação de dois questionários eletrônicos distintos, autoaplicáveis, elaborados pelos autores no *Google Forms* especificamente para este estudo, e respondidos de forma independente por cada grupo. Os estudantes responderam ao questionário em sala de aula, enquanto os pais receberam o *link* por meio de seus filhos. Foi solicitado aos estudantes que não compartilhassem suas opiniões sobre o tema com os pais antes do preenchimento dos questionários, a fim de minimizar possível viés de resposta. Por se tratar de instrumentos desenvolvidos especificamente para este estudo, os questionários não haviam sido previamente validados nem submetidos a teste piloto.

Os instrumentos incluíram questões sobre dados sociodemográficos, conhecimento autorreferido da Lei n.º 9.434/1997, compreensão e aceitação da morte encefálica, atitudes em relação à doação e ao recebimento de órgãos para transplante, além dos motivos associados à recusa.

Análise estatística

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, com frequências absolutas, relativas e intervalos de confiança de 95% (IC95%). As comparações entre os grupos foram realizadas utilizando o teste do qui-quadrado de Pearson, adotando-se nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

Comitê de ética

O estudo foi conduzido em conformidade com as diretrizes da Resolução n.º 466/12 e suas complementares, incluindo a Resolução CNS n.º 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Fortaleza (parecer n.º 4.888.179), sendo obtido o consentimento livre e esclarecido de todos os participantes.

RESULTADOS

Participaram do estudo 159 indivíduos, sendo 89 estudantes ingressantes do curso de Medicina e 70 pais desses alunos. Entre os estudantes, predominou o sexo feminino (65,2%), com média de idade de 19,3 anos, concentrando-se entre 17 e 20 anos. Entre os pais, a média de idade foi de 53 anos, com variação entre 42 e 62 anos, e predominância de pais (60%) em relação às mães (40%).

No que se refere ao conhecimento autorreferido sobre a legislação brasileira quanto à doação de órgãos (Lei n.º 9.434/1997), 66,3% dos estudantes afirmaram conhecê-la (IC95%: 56,5–75,1), em comparação a 55,7% dos pais (IC95%: 44,0–67,0; $p = 0,173$). A concordância com a lei foi maior entre os pais do que entre os estudantes (78,6% e 34,8%, respectivamente; $p = 0,064$).

A aprovação geral à doação de órgãos foi elevada em ambos os grupos, sendo 100% entre os estudantes (IC95%: 95,9–100) e 95,7% entre os pais (IC95%: 88,3–98,6; $p = 0,049$). Apesar disso, essa aceitação não se refletiu em comportamento prático, pois apenas 11,2% dos estudantes declararam que seriam doadores em caso de morte encefálica, enquanto entre os pais esse percentual foi de 15,7% ($p = 0,416$).

A comunicação familiar sobre doação de órgãos mostrou-se limitada e semelhante entre os grupos, sendo relatada por 49,4% dos estudantes e 45,7% dos pais. Apesar disso, a percepção de aceitação por parte do outro foi elevada, com 84,3% dos estudantes acreditando que suas famílias são favoráveis à doação, e 97,1% dos pais acreditando que seus filhos compartilham dessa opinião.

Em relação à percepção do próprio conhecimento sobre o tema, tanto estudantes quanto pais apresentaram lacunas importantes. Entre os estudantes, 58,4% classificaram seu conhecimento como regular, enquanto entre os pais predominou a autoavaliação como boa (47,1%) e regular (37,1%). Ambos os grupos demonstraram maior familiaridade com rim, coração e fígado, enquanto intestino, pele e osso foram menos frequentemente reconhecidos.

A compreensão da morte encefálica revelou discrepâncias relevantes. Apenas 25,8% dos estudantes (IC95%: 17,8–36,0) e 7,1% dos pais (IC95%: 3,0–16,0; $p < 0,001$) sabiam que a doação de órgãos está condicionada ao diagnóstico de morte encefálica. Por outro lado, a maioria referiu saber o que é morte encefálica (93,3% dos estudantes e 100% dos pais; $p = 0,052$). Entretanto, a aceitação desse conceito como definição de morte diferiu entre os grupos, sendo de apenas 10,1% entre estudantes (IC95%: 5,0–18,9) e 92,9% entre pais (IC95%: 84,1–97,1; $p < 0,001$).

Os fatores associados à não aceitação da doação também diferiram entre os grupos. Entre os estudantes, destacaram-se o medo (57,3%) e a desinformação (22,5%), enquanto entre os pais predominou a ausência de reflexão prévia sobre o tema (77,1%), seguida por medo (11,4%) e desconfiança no processo (8,6%).

Observou-se, ainda, elevada aceitação do transplante como receptor em ambos os grupos, com 100% dos estudantes e 97,1% dos pais afirmando que aceitariam receber um rim de doador em morte encefálica. Em contraste, a disposição para doar em caso de morte encefálica foi baixa em ambos os grupos (11,2% vs. 15,7%; $p = 0,416$).

Por fim, houve consenso absoluto quanto à necessidade de maior abordagem do tema na formação médica, com 100% dos participantes de ambos os grupos manifestando interesse na inclusão da doação de órgãos como conteúdo do curso.

DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam elevada aceitação teórica da doação de órgãos entre estudantes e seus pais, acompanhada de importante dissociação entre atitude e prática. Entre os estudantes, essa dissociação mostrou-se particularmente acentuada. Embora todos se declarassem favoráveis à doação, apenas uma pequena proporção (11,2%) afirmou, em um cenário hipotético, que doaria seus órgãos em caso de morte encefálica. Esse valor é substancialmente inferior ao descrito na literatura nacional e internacional entre estudantes de Medicina, a qual, em sua maioria, inclui estudantes de diferentes fases da graduação, nos quais a disposição para doar costuma superar 90%^{4,6,8,16}.

Esse achado está em consonância com evidências que apontam lacunas entre desejo, atitude e ação, nas quais a aceitação abstrata da doação não garante disposição concreta para doar ou autorizar a doação em uma situação real¹². Nesse contexto, a menor disposição observada pode estar relacionada ao fato de se tratar de estudantes do primeiro semestre, considerando que o conhecimento sobre o tema tende a se desenvolver ao longo da formação médica e está associado a maior adesão à doação^{17,18}, embora lacunas persistam mesmo em fases mais avançadas da formação^{4,8}. Além disso, os participantes deste estudo ainda não haviam recebido ensino formal sobre doação de órgãos, transplantes ou morte encefálica, o que pode ter contribuído para esse achado.

Outro aspecto central foi a limitação da comunicação familiar. Menos da metade dos estudantes e dos pais havia conversado sobre doação de órgãos, apesar de ambos acreditarem, em alta proporção, que o outro grupo era favorável à doação. Esse achado é consistente com a literatura, na qual parte importante dos estudantes favoráveis à doação não comunica essa decisão à família, bem como com estudos que apontam o diálogo familiar como etapa crítica para a efetivação da doação^{4,15}, especialmente em contextos nos quais a decisão final cabe aos familiares, como no caso da legislação brasileira¹. O desconhecimento da vontade do potencial doador constitui um dos principais motivos para a recusa familiar, dificultando a conversão do potencial doador em

doador efetivo^{2,19}. Assim, os resultados do presente estudo sinalizam que o problema não se restringe ao apoio teórico à doação, mas inclui a ausência de diálogo e de pactuação explícita no âmbito familiar, aspecto essencial para que a vontade do potencial doador seja conhecida e respeitada¹³.

As barreiras à efetivação da doação também diferiram entre os grupos, ampliando a necessidade de compreender suas causas tanto no meio acadêmico quanto no ambiente familiar, uma vez que a falta de discussão em vida representa um entrave crítico à doação². Entre os estudantes, sobressaíram o medo e a desinformação; entre os pais, predominou a ausência de reflexão prévia sobre o tema, seguida por medo e desconfiança em relação ao processo. O medo e a desinformação aparecem como pilares recorrentes de recusa à doação, assim como a desconfiança no processo, a religiosidade e a falta de conhecimento^{4,8,13,20}.

No presente estudo, a religião apresentou peso relativamente pequeno, o que sugere que, nesse contexto específico, barreiras cognitivas e emocionais podem ser mais relevantes do que barreiras estritamente religiosas. O medo identificado no presente estudo pode refletir barreiras e estigmas socioculturais descritos na literatura, tais como a preocupação com a preservação da integridade corporal após a retirada dos órgãos, o receio de que a captação ocorra antes da confirmação da morte e a falta de familiaridade com os protocolos rigorosos de diagnóstico de morte encefálica^{8,11,20,21}. Além disso, estudos demonstram que a dificuldade em aceitar o diagnóstico de morte encefálica, a valorização da integridade corporal e determinadas crenças culturais ou religiosas podem influenciar negativamente a decisão pela doação de órgãos^{11,20-24}. Assim, a compreensão dessas barreiras pode contribuir para reduzir a recusa familiar, principal causa de não efetivação da doação de órgãos no Brasil². O ideal é que todos reflitam sobre o tema e compartilhem sua decisão com familiares²⁴.

Também merece atenção o fato de a aceitação para receber um órgão ter sido quase universal, enquanto a disposição para doar permaneceu baixa. Essa assimetria tem sido descrita na literatura e reforça um importante componente ético na discussão sobre doação de órgãos, evidenciando uma dissociação entre posicionamento favorável e ação concreta, além da tendência de indivíduos não doadores aceitarem o transplante quando necessário^{8,17}. No presente estudo, esse paradoxo esteve presente tanto entre estudantes quanto entre pais, indicando que a valorização do transplante como possibilidade terapêutica nem sempre é acompanhada de uma disposição equivalente para a doação de órgãos.

A compreensão da morte encefálica foi, sem dúvida, o ponto mais crítico do estudo. Apesar de a maioria dos estudantes afirmar conhecer o conceito, sua aceitação como definição de morte foi extremamente baixa. Em contraste, a maioria dos pais reconheceu a morte encefálica como definição válida de morte. Esse achado está em consonância com a literatura, que aponta morte encefálica como um dos principais pontos de fragilidade conceitual, mesmo entre estudantes da área da saúde, com níveis variáveis de aceitação e compreensão^{4,8,9,25}.

Os resultados do presente estudo reforçam a existência de lacunas importantes, especialmente entre os estudantes ingressantes. Esse cenário sugere que o estágio inicial da formação médica pode representar um período particularmente vulnerável quanto à compreensão do tema²⁵. No momento da coleta de dados, os estudantes ainda não haviam recebido ensino formal sobre morte encefálica, doação de órgãos ou transplantes durante a graduação, o que provavelmente contribuiu para a baixa aceitação observada. A compreensão e a aceitação do diagnóstico de morte encefálica constituem um processo de amadurecimento técnico e ético que se desenvolve ao longo da formação médica, evidenciando o papel central da graduação na construção dessas competências. Nesse contexto, estudantes do primeiro semestre, por estarem no início desse processo, tendem a apresentar inseguranças e percepções mais próximas às da população geral²⁵.

Os dados referentes ao conhecimento autorreferido da legislação brasileira sobre doação de órgãos também merecem destaque. Os estudantes referiram maior conhecimento da Lei n.º 9.434/1997 do que os pais, mas a concordância com a legislação foi maior entre os pais. Essa diferença é compatível com discussões brasileiras sobre autonomia e decisão familiar, embora não tenha alcançado significância estatística no presente estudo. Em pesquisas nacionais com estudantes e médicos, já foi demonstrado desconforto com o modelo legal que mantém a decisão final nas mãos da família, mesmo quando o indivíduo manifesta, em vida, sua vontade favorável^{1,4,16,18}. Nesse sentido, os resultados do presente estudo sugerem que pais e estudantes podem interpretar de forma distinta o equilíbrio entre autonomia individual e decisão familiar.

Do ponto de vista educacional, os achados reforçam a necessidade de inserir o tema da doação de órgãos de forma longitudinal, estruturada e contextualizada no currículo médico, com início nos primeiros períodos e continuidade ao longo de toda a graduação. A baixa disposição para a doação, associada a lacunas na compreensão e aceitação da morte encefálica, sugere que o contato tardio ou superficial com o tema pode comprometer a formação de atitudes consistentes. Essa interpretação é coerente com estudos que apontam déficits formativos persistentes e destacam a importância da exposição progressiva ao tema ao longo da graduação^{5,7,9}. Além disso, evidências indicam que estratégias educativas associadas ao desenvolvimento de habilidades comunicacionais podem impactar positivamente as atitudes em relação à doação, especialmente quando articuladas com ações voltadas para a comunidade e para o ambiente familiar^{4,15}.

No presente estudo, o interesse unânime dos participantes em discutir o tema no curso reforça não apenas a viabilidade, mas também a urgência dessa abordagem. Nesse sentido, os resultados apontam para implicações diretas na prática em transplantes, especialmente na abordagem familiar, sugerindo que a qualificação da formação médica pode contribuir para uma comunicação

mais efetiva com pacientes e familiares e, potencialmente, para a redução das taxas de recusa familiar – e, consequentemente, para o fortalecimento do sistema de doação de órgãos.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. Por se tratar de um estudo transversal, não é possível estabelecer relações de causalidade entre as variáveis analisadas. Além disso, a amostra foi composta por estudantes ingressantes de uma única instituição privada de ensino superior e seus respectivos pais, o que pode limitar a generalização dos achados para estudantes de outras instituições, regiões ou contextos socioculturais. A utilização de questionários autodeclarados também pode estar sujeita a vieses de resposta, incluindo desejabilidade social e superestimação do conhecimento.

Cumprir destacar que os instrumentos utilizados foram elaborados pelos autores especificamente para este estudo, sem validação formal ou realização de teste-piloto prévios, o que pode ter influenciado a precisão das medidas obtidas. Adicionalmente, a análise baseou-se em percepções autorreferidas, que podem não refletir com precisão o comportamento real dos participantes em situações práticas de decisão sobre doação de órgãos. Destaca-se, ainda, que as respostas foram obtidas em um contexto hipotético, podendo não reproduzir fielmente decisões tomadas em situações reais. Por fim, embora os questionários tenham sido aplicados de forma independente, não é possível excluir completamente a possibilidade de influência indireta entre estudantes e seus pais.

CONCLUSÃO

Observou-se elevada aceitação teórica da doação de órgãos entre estudantes e pais; contudo, persistem lacunas relevantes no conhecimento técnico e, sobretudo, na compreensão e aceitação do conceito de morte encefálica, especialmente entre os estudantes. Além disso, evidenciou-se uma importante dissociação entre atitude e prática, com baixa disposição para a doação em situações concretas. A comunicação familiar mostrou-se limitada e permeada por percepções possivelmente distorcidas, enquanto barreiras distintas foram identificadas entre os grupos, com implicações diretas para a efetivação da doação.

Os achados reforçam a necessidade de inclusão estruturada, longitudinal e precoce do tema nos currículos médicos, associada ao desenvolvimento de habilidades comunicacionais e a ações de educação comunitária que estimulem o diálogo familiar e promovam a elucidação de aspectos legais e médicos relacionados à doação de órgãos. Esses achados têm implicações para a formulação de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da educação sobre doação de órgãos e à ampliação das taxas de doação.

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Contribuições científicas e intelectuais substanciais para o estudo: Silva SFR, Silva SL; **Concepção e design:** Silva SFR; **Análise e interpretação dos dados:** Silva SFR, Silva SL, Macêdo LCCL, Maia JM, Gonçalves PG, Lousada MCSO, Montenegro ALR, Pinheiro MMLB, Oliveira IS; **Redação do artigo:** Silvia SFR, Silva SL, Macêdo LCCL, Maia JM, Gonçalves PG, Lousada MCSO, Montenegro ALR, Pinheiro MMLB, Oliveira IS; **Revisão crítica:** Silva SL; **Aprovação final:** Silva SFR.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados estarão disponíveis mediante solicitação ao autor correspondente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os autores utilizaram ferramentas de inteligência artificial como apoio na organização e análise dos dados, bem como na revisão linguística do manuscrito. Todas as decisões metodológicas, interpretações dos resultados e a versão final do texto são de responsabilidade exclusiva dos autores.

AGRADECIMENTOS

Os autores expressam seu agradecimento aos estudantes e aos seus pais pela disponibilidade e participação voluntária, cuja contribuição foi fundamental para a realização deste estudo.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Lei n.º 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento. Diário Oficial da União. 1997 fev. 5; p. 1. <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=05/02/1997&totalArquivos=56>
2. Associação Brasileira de Transplante de Órgãos. Registro Brasileiro de Transplantes 2024. São Paulo: ABTO; 2025. Disponível em: <https://site.abto.org.br/wp-content/uploads/2026/05/RBT-2025-Populacao.pdf>
3. Lewis A, Koukoura A, Tsianos G-I, Gargavanis AA, Nielsen AA, Vassiliadis E. Organ donation in the US and Europe: the supply vs demand imbalance. *Transplant Rev.* 2021 Apr; 35(2): 100585. <https://doi.org/10.1016/j.trre.2021.100585>
4. Guedes IS, Nogueira CT, Gomes ÉB, Silva SL, Silva SFR. Conhecimento do estudante de medicina sobre doação de órgãos. *Braz J Develop.* 2023 May; 9(5): 17260-17270. <https://doi.org/10.34117/bjdv9n5-186>
5. Souza DM, Souza VC, Matsui WN, Pimentel RRS, Santos MJ. Opinions of healthcare students on organ and tissue donation for transplantation. *Rev Bras Enferm.* 2022; 75(3): e20210001. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0001>
6. Miranda LEC, Maia MVRBS, Pontes MGA, Pascoal IM, Eufranio MS, Miranda ACG. Conhecimento, desejo e atitude de estudantes de Medicina e Enfermagem sobre a doação de órgãos. *Rev Bras Educ Méd.* 2024; 48(2): e036. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v48.2-2023-0214>
7. Robert P, Bégin F, Ménard-Castonguay S, Frenette A-J, Quiroz-Martinez H, Lamontagne F, et al. Attitude and knowledge of medical students about organ donation – training needs identified from a Canadian survey. *BMC Med Educ.* 2021; 21: 368. <https://doi.org/10.1186/s12909-021-02736-2>
8. Sinda I, Lehto P, Koivusalo A-M, Sälkiö S, Stauffer H-M, Ala-Kokko T. Undergraduate medical, health science, and technical students' attitudes and knowledge on organ donation and transplantation. *BMC Med Educ.* 2025 May; 25: 722. <https://doi.org/10.1186/s12909-025-07304-6>
9. Tackmann E, Kurz P, Dettmer S. Attitudes and knowledge about post-mortem organ donation among medical students, trainee nurses, and students of health sciences in Germany. *Anaesthesist.* 2020; 69(11): 810-820. <https://doi.org/10.1007/s00101-020-00812-8>
10. Martínez-Alarcon L, Ríos A, Ramón Gutiérrez P, Javier Gómez F, Cañadas-De la Fuente GA, García-Mayor S, et al. Attitudes toward organ donation: differences between medical and nursing Andalusian students. *Transplant Proc.* 2020 Mar; 52(2): 496-499. <https://doi.org/10.1016/j.transproceed.2019.12.035>
11. Mikla M, Cybulska AM, Schneider-Matyka D, Ríos A, Panczyk M, Kotwas A, et al. A multicentre study of the attitude of medical students towards organ donation and transplantation in Poland. *Int J Environ Public Health.* 2023 Feb; 20(4): 3711. <https://doi.org/10.3390/ijerph20043711>
12. Dias LM, Melo MS, Leão GNC, Araújo IVON, Oliveira MGB. Percepção de estudantes da saúde sobre a doação de órgãos no Brasil: uma revisão integrativa. *Res, Soc Dev.* 2022; 11(5): e21011527945. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27945>
13. Santos WJE, Gomes ALDP, Corradini FA Junior, Silva VHF, Melo TRP, Barbosa JE, et al. Fatores sociais relacionados à entrevista familiar do potencial doador de órgãos - aspectos positivos e negativos para a doação: revisão integrativa da literatura. *Res, Soc Dev.* 2026; 15(7): e4815751393. <https://doi.org/10.33448/rsd-v15i7.51393>
14. Aranda RS, Zillmer JGV, Gonçalves KD, Porto AR, Soares ER, Geppert AK. Perfil e motivos de negativas de familiares para doação de órgãos e tecidos para transplante. *Rev Baiana Enferm.* 2018; 32: e27560. [acesso em 2026 jul 23]. Disponível em: <https://revbaianaenferm.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/27560>
15. Febrero B, Almela-Baeza J, Ros I, Pérez-Sánchez MB, Pérez-Manzano A, Cascales P, et al. The impact of information and communications technology and broadcasting on YouTube for improving attitude toward organ donation in secondary education with the creation of short films. *Patient Educ Couns.* 2021 Sep; 104(9): 2317-2326. <https://doi.org/10.1016/j.pec.2021.02.037>
16. Moraes LJA, Trevisan G, Carvalho D, Steffani JA, Bonamigo EL. Percepção de estudantes e médicos sobre autonomia na doação de órgãos. *Rev Bioét.* 2020; 28(1): 58-68. <https://doi.org/10.1590/1983-80422020281367>
17. Cheung YS, Chow A. Knowledge, attitudes and practices on organ donation among Hong Kong medical students. *Transplant Proc.* 2017;49(8):1756-1761
18. Mendes HKE, Silva LGB, Silva PCS, Costa GL, Lopes IMDAS, Suzuki K, et al. Conhecimento de acadêmicos da área da saúde sobre o processo de doação de órgãos no Brasil. *Saúde Colet (Barueri).* 2026; 17(107): 19914-19923. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2026v17i107p19914-19923>

19. Silva IC, Oldoni ÁE, Zanardo JC, Jacobina LP. Cenário da doação de órgãos e tecidos para transplante pós-morte na 16ª Região de Saúde/RS. *Braz J Transpl.* 2023; 26(1): e3023. https://doi.org/10.53855/bjt.v26i1.511_PORT
20. Santos MA, Maia MSF, Borges LP, Santos RE, Alvarenga VS, Jesus JIFS, et al. Fatores de negativa familiar em potenciais doadores de órgãos: uma revisão de literatura. *Braz J Surg Clin Res.* 2023; 43(1): 54-62. https://www.mastereditora.com.br/periodico/20230608_115707.pdf
21. Miller J, Currie S, O'Carroll RE. 'What if I am not dead?' - Myth-busting and organ donation. *Br J Health Psychol.* 2019; 24(1): 141-158. <https://doi.org/10.1111/bjhp.12344>
22. Yilmaz Y, Acar K, Celik GO, Kamer E, Er A. Knowledge and attitudes towards brain death and organ donation in hospitalized patients and their relatives. *Ann Med Res.* 2020; 27(10): 2599-2603. <https://doi.org/10.5455/annalsmedres.2020.05.534>
23. Silva NRP, Oliveira RMP, Saidel MGB, Leite JMS, Pacheco MAB, Monteiro CB, et al. Fatores que influenciam no processo da não autorização da doação de córneas no estado do Maranhão. *Res, Soc Dev.* 2021; 10(4): e56210414664. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.14664>
24. Santana KG, Chater MS. Causas de recusa familiar na doação de órgãos e tecidos para transplantes em Goiás. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás; 2024. <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/7726>
25. Rosso ARD, Carbone N, Di Ciurcio EK, Fantin JVS, Succi GM. O que sabem estudantes de medicina sobre doação e transplantes de órgãos no Brasil? *Braz J Transpl.* 2020; 23(4). <https://doi.org/10.53855/bjt.v23i4.37>